

NARRATIVAS: RELATO DE UM SUJEITO COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO ENSINO SUPERIOR

NARRATIVES: ACCOUNT OF AN INDIVIDUAL WITH VISUAL IMPAIRMENT IN HIGHER EDUCATION

NARRATIVAS: RELATO DE UN INDIVIDUO CON DISCAPACIDAD VISUAL EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR

Vanderlei Balbino da Costa¹
Universidade Federal de Jataí – UFJ

Resumo

O presente relato intenciona fazer uma narrativa dos momentos vivenciados em tempos de pandemia da Covid-19. O problema que norteou a investigação foi: qual será o futuro da humanidade diante do fenômeno que assolou o planeta em 2020 mundo afora? Os objetivos nesta narrativa foram: relatar a tristeza, angústia, ansiedade, insegurança e temor frente à propagação do vírus; demonstrar medo, tensão e incertezas frente a um vírus que pôs a humanidade em desespero. Os referenciais utilizados versaram sobre autores que discutem (auto)biografia, narrativas, memórias, relatos e histórias de vida. As reflexões contidas neste texto apontam para a vulnerabilidade humana frente a diversas situações, dentre elas, pestes, endemias e pandemias.

Palavras-chave: (Auto)biografia; Memórias; História de Vida; Pandemia.

Abstract

The present report intends to make a narrative of the moments experienced in times of the COVID-19 pandemic. The problem that guided the investigation was: What will be the future of humanity in the face of the phenomenon that devastated the planet in 2020 worldwide? The objectives in this narrative were: to report sadness, anguish, anxiety, insecurity and fear of the spread of the virus; to demonstrate fear, tension and uncertainty in the face of a virus that has put humanity in despair. The references were based on authors who discuss (auto)biography, narratives, memories, reports and life stories. The reflections contained in this text point to human vulnerability in the face of different situations, including pests, endemic diseases and pandemics.

Keywords: (Auto)biography; Memories; Life History; Pandemic.

¹ Docente associado II da Universidade Federal de Jataí (UFJ-GO), Goiás, Brasil. PHD em Educação UERJ; Doutor em Educação Especial -UFSCar; mestre em Educação-UFSCar; especialista em Didática do Ensino Superior e Administração Escolar, pela UFMT e licenciado em História pela UFMT. E-mail: vanderleibalbino@ufj.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9675106511430204>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1330-747X>.

Resumen

El presente informe pretende hacer una narrativa de los momentos vividos en tiempos de la pandemia de COVID-19. El problema que guio la investigación fue: ¿Cuál será el futuro de la humanidad ante el fenómeno que arrasó el planeta en 2020 a nivel mundial? Los objetivos de esta narrativa fueron: narrar la tristeza, la angustia, la ansiedad, la inseguridad y el miedo a la propagación del virus; demostrar miedo, tensión e incertidumbre ante un virus que ha desesperado a la humanidad. Las referencias utilizadas fueron sobre autores que discuten (auto)biografía, narrativas, memorias, relatos e historias de vida. Las reflexiones contenidas en este texto apuntan a la vulnerabilidad humana frente a diferentes situaciones, entre ellas plagas, enfermedades endémicas y pandemias.

Palabras clave: (Auto)biografía; Memorias; Historia de vida; Pandemia.

NOTAS INTRODUTÓRIAS

Os avanços tecnológicos, a computação gráfica, a era da robótica, a era digital, a invenção do supercomputador, dentre outros, não estão sendo suficientes para eliminar pestes, misérias, pandemias, vírus avassaladores capazes de dizimar milhões de pessoas. Nessa direção, tentativas para ir à lua, habitar o planeta vermelho em busca de vida em Marte, não tem sido suficiente para que a humanidade possa se libertar de doenças como Câncer, Ebola, Sida e, mais recentemente, a Covid-19, que já ceifou milhões de vidas ao redor do mundo.

Dados do World Health Organization (WHO, 2020) revelam que o vírus que assolou o planeta pôs um bilhão e quinhentos milhões de alunos fora da escola e afastou delas milhões de professores em todas as etapas. A pandemia esvaziou a educação infantil, o ensino fundamental, separou milhões de jovens do ensino médio, pôs fim a diálogos entre centenas de milhares de estudantes universitários. Esse vírus eliminou milhões de vidas, contaminou milhões de pessoas, colocou em depressão a economia de aproximadamente 190 países mundo afora.

O presente relato se justifica mediante minha intenção de fazer, mesmo que de forma breve, uma narrativa (auto)biográfica relacionada às minhas vivências durante os anos que perduraram à pandemia de Covid-19. Nesse paradigma, vivi um período de medo, tensão e insegurança quando o vírus alargava fronteiras, contaminava milhões, dizimava vidas; enfim, espriava torturas psicológicas mundo afora.

Neste relato, narro momentos vividos nos últimos anos, cujas consequências foram catastróficas para milhões de seres humanos ao redor do planeta. Quero dizer que, por meio das narrativas (auto)biográficas, apoio-me em Alberti (2004), ao pontuar



As narrativas cada vez mais incorporadas como fontes que podem contribuir para o enriquecimento sobre a realidade social, na medida em que oferece detalhes do cotidiano, do imaginário e da experiência vivida por indivíduos (Alberti, 2004, p. 26).

Penso ser necessário assinalar neste relato que os momentos por mim vividos marcaram por demais minha vida enquanto sujeito desprovido da visão.

Os relatos e/ou narrativas mencionadas nessa (auto)biografia me fazem levantar algumas indagações: até quando a humanidade irá suportar a crise que ora se desenha? Até quando viveremos isolados social e profissionalmente? As indagações me assolavam a todo momento, martelavam minha memória, perfuravam meu imaginário; daí, interrogava: como tirar esse fenômeno da memória, entendida por Alberti (2004, p. 42) como “a memória quando se torna o foco do olhar na metodologia da história oral é relato de ação, uma criação posterior ao passado, que o ordena e significa reviver”. O período que fomos obrigados a presenciar demarcaram um território frio, isolado, desprovido de liberdades.

Em 2020, 2021 e 2022 vimos um mundo estranho, frio, isolado, solitário, separado, de que mesmo vivendo, pertencendo, sendo sujeito dele, estou distante. Considero que seja necessário assinalar que embora conectado pelas plataformas digitais, vivo sozinho em uma casa confortável, ladeada de muros; porém, sem ninguém para partilhar acontecimentos, episódios, discursos, problemas, vitórias, erros, acertos. Nesse sentido, Souza (2007) pontua que:

Narrar é enunciar uma experiência particular refletida sobre a qual construímos um sentido e damos um significado. Garimpamos em nossa memória, consciente ou inconscientemente, aquilo que deve ser dito e o que deve ser calado (Souza, 2007, p. 66).

Preciso acentuar que parte dessa narrativa é fruto dos registros marcados em minha memória. Apoio-me em Bobbio (1997),

Ao elucidar que a memória é o grande patrimônio do ser humano, uma vez que está no mundo maravilhoso, fonte inesgotável de reflexões sobre nós mesmos, sobre o universo em que vivemos, sobre as pessoas e os acontecimentos que, ao longo do caminho, atraíram nossa atenção (Bobbio, 1997, p. 53-54).

Por essas e outras razões sou levado a enfatizar a memória para relatar as experiências que vivi nesses nebulosos tempos de pandemia (Costa; Batista; Tavares, 2020).

Neste relato, narro os momentos de tensão que vivi no período da pandemia de Covid-19, em especial porque estava morando em um grande centro, fazendo um estágio



pós-doutoral, fora da cidade onde atuo profissionalmente, preso em um apartamento, só, com medo desse desconhecido fenômeno que causou danos à humanidade. Ao narrar minhas experiências no e durante o período em que perdurou este fenômeno, recorro ao pensamento de Alberti (2004):

A memória tanto na sua dimensão individual quanto social, composta por lembranças, que podem ser valorizadas ou desvalorizadas conforme os critérios de eleição do narrador ao fazer seus registros. Também compõem a memória o esquecimento de fatos e situações vividas, seja porque não são lembrados, seja porque algo os impede de vir à tona (Alberti, 2004, p. 45).

Nesses excertos de textos, por se tratar de um relato e/ou narrativa de vida, não há uma única questão específica para narrar, há sim muitas reflexões para fazer. Desse modo, a questão que norteou a investigação foi: qual será o futuro da humanidade diante do fenômeno que assolou o planeta em 2020 mundo afora? Isso me fez refletir: será que um dia vamos conseguir voltar à normalidade?

Assim, meus objetivos se consubstanciaram em: relatar minha tristeza, angústia, ansiedade, insegurança e temor; e demonstrar medo, tensão e incertezas frente a um vírus que pôs a humanidade em desespero.

Por essas e outras razões, apoio-me em Bolívar (2002, p. 175-176), ao pontuar que “a autobiografia não apenas descreve a trajetória de vida do sujeito, como também pode ajudar a selecionar e orientar a busca de oportunidades e desenvolvimento profissional”. O autor afirma que a autobiografia que se centra no passado do professor e no seu mundo profissional é fonte de compreensão de um passado ainda muito presente em nossa memória.

MÉTODO OU METODOLOGIA

Minha opção nesse relato foi pela pesquisa qualitativa (Lüdke; André, 1986). Desse modo, lancei mão da abordagem biográfica, enfatizando as narrativas como técnicas de coleta. Isto posto, apoio-me em Souza (2006):

A abordagem biográfica tanto é método, porque logrou no seu processo histórico vasta fundamentação teórica, quanto é técnica, porque também gozou de conflitos, consensos e implicações teórico-metodológica sobre a sua utilização (Souza, 2006, p. 39).

Enquanto docente com deficiência desprovido da visão, nas palavras, linhas, parágrafos, páginas que se seguem, lanço mão das narrativas para falar brevemente da



minha (auto)biografia. Ao mencionar esse relato, autobiográfico, apoio-me nas palavras escritas de Bueno (2002) para dizer que autobiografia é:

Um microrrelação social. Aquele que narra sua história de vida sempre narra para alguém, ou seja, no processo de elaboração de sua narrativa há sempre a tentativa de uma comunicação, mesmo que seja sem um interlocutor imaginário, como é o que muitas vezes acontece com os diários íntimos (Bueno, 2002, p. 20).

Meu relato compõe-se de narrativas. Utilizo delas para resgatar minha memória que não pode cair no “buraco negro do esquecimento” (Catroga, 2001). Isto posto, lanço mão dos escritos de Suárez e Dávila (2004), ao pontuar que a pesquisa narrativa se constitui como um importante parâmetro no que se referem às potencialidades engendradas no âmbito da formação quando voltada à produção de uma teoria pessoal sinergicamente a uma teoria profissional, ambas inseridas em determinado contexto histórico.

Pressupostos teórico-metodológicos me levaram a relatar minhas experiências vividas. Por meio da (auto)biografia, narro, relato, expressei sentimentos, sendo “obrigado” a me isolar, afastar, tornando-me quase invisível.

A opção pela pesquisa (auto)biográfica se justifica, uma vez que falei de mim, das minhas experiências vividas na e durante a pandemia. Lanço mão desse método para dizer que, de acordo com Alberti (2004):

A aceitação da validade do uso das (auto)biografias permite promover, por meio da incorporação das histórias de vida como opção metodológica, a inclusão da subjetividade como elemento fundamental da constituição epistemológica do conhecimento, assimilando dialeticamente a práxis das relações entre indivíduos e sociedade [...] (Alberti, 2004, p. 48).

Preciso assinalar que os relatos aqui expressos são meramente subjetivos, pois falam de mim, do que vivi, por onde andei; enfim, as estradas que trilhei.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados aqui expressos não são finais, nem mesmo conclusivos. São, como mencionei anteriormente, subjetivos. Eles refletem o período que vivi nesses dois anos de pandemia.

Nessas laudas, linhas, palavras, milhares de caracteres, narro minha vida enquanto docente com deficiência. Lanço mão da (auto)biografia para relatar minha história. Apoio-me em Souza e Cordeiro (2007), para dizer que é



Tempo de lembrar, de narrar, de refletir, de construir associações, de estabelecer sentidos aos que foram vividos, a partir de significados particulares e coletivos de diferentes experiências formadoras, as quais são reveladas nas capacidades e no investimento do ator falar e escrever sobre sua história de vida e de formação, construída sobre si mesmo (Souza; Cordeiro, 2007, p. 5).

Nas palavras escritas e não escritas, expressadas por Calvino (2019), relatadas nesses excertos de texto, quero dizer que foram essas as lembranças, as tristezas, as angústias que ainda estão impregnadas na minha memória. Queiroz, citado por Soares e Sobrinho (2013, p. 5), enfatiza que:

A história de vida é posta no quadro amplo da história oral que também inclui depoimentos, entrevistas, biografias, autobiografias. Ainda entende que toda história de vida encerra um conjunto de depoimentos e, embora tenha sido o pesquisador a escolher o tema, a formular as questões ou a esboçar um roteiro temático, é o narrador que decide o que narrar.

Os resultados desta investigação me fizeram perceber que nesses nebulosos tempos de pandemia e isolamento social tive muita vontade de voltar aos anos 1990, quando iniciei minha trajetória profissional ministrando aulas para dez turmas, trezentos adolescentes e jovens na escola comum. Essas lembranças soam em minha memória ao imaginar como éramos livres. Para Bergson (2006, p. 247):

A memória é um fenômeno que responde pela reelaboração do passado no presente, ela prolonga o passado no presente. O autor acentua que é do presente que parte o apelo ao qual a lembrança responde, e é dos elementos sensório-motores da ação presente que a lembrança retira o calor que lhe confere vida.

Os excertos de textos me fazem resgatar minha memória, voltar ao passado, sentir-me novamente junto aos outros. Durante o isolamento social provocado pela Covid-19, tive vontade de voltar a dar minhas aulas presenciais na universidade, discutir a inclusão escolar das pessoas com deficiência, debater com os indígenas a diversidade cultural, passar um fim de semana nas comunidades quilombolas, ir aos abrigos de idosos viver essa experiência.

Com efeito, apoio-me em Soares e Sobrinho (2013, p. 7), ao acentuar que “o ato de narrar a própria história através do texto escrito, possibilita ao sujeito organizar sua narrativa num constante diálogo interior a partir dos momentos de formação e de conhecimentos [...]”.

O fenômeno que assolou a humanidade, a partir de 2020, pôs fim às possibilidades de experienciar trocas, conviver em grupos, partilhar saberes coletivos. Essas mudanças me fizeram refletir sobre o quanto a memória foi abalada. Isto posto, apoio-me em Thomson,



Frisch e Hamilton (2019), ao evidenciarem que a memória coletiva é vista como uma conexão viva entre o passado celebrado, o presente conturbado e um futuro que requer complexas escolhas políticas em todos os níveis, do individual e familiar ao comunitário, estadual e nacional. As transformações pelas quais a humanidade foi obrigada a passar sepultaram, mesmo que de forma temporal, nossa convivência entre eu, tu, nós, vós, eles, os diferentes.cons.

Ao longo desse relato, os resultados me fizeram revisitar minha memória, pensar na catástrofe social que vivemos nos últimos anos. Partindo dessa assertiva, Souza (2006) assinala que a memória é:

Escrita no tempo, um tempo que permite deslocamento sobre as experiências. Tempo e memória que possibilitam conexões com as lembranças e os esquecimentos de si, dos lugares, das pessoas, da família, da escola e das dimensões existenciais do sujeito narrador (Souza, 2006, p. 63).

As palavras narradas pelo autor me despertam para a importância de relatar nossas experiências guardadas na memória e pode ou não ser expressada na e durante nossa trajetória, seja ela pessoal ou profissional.

Devo pontuar que estava cursando um estágio pós-doutoral em uma universidade brasileira, quando em março de 2020 a World Health Organization (WHO, 2020) decretou a pandemia. A partir disso, reuniões, aulas, participações em congressos, seminários, simpósios, grupo de pesquisa, dentre outras atividades passaram a ser via plataformas digitais. Preciso ressaltar que essas ações, claro, necessárias, confesso, não me assustaram muito; afinal, era apenas um espectador desses processos formativos.

Na trilha dessas narrativas, tive que me reinventar, repensar minhas ações, recomeçar. Recomeçar meu trabalho na universidade onde atuo. Com efeito, apoio-me em Bolívar (2002), citado por Soares e Sobrinho (2013), ao pontuar que no relato o sujeito repensa e reinventa sua vida, tomando consciência dos fatos e, portanto, podendo imaginar possibilidades de atuações futuras diferentes. Além disso, a escrita narrativa tem efeito formador por si próprio, porque coloca o ator em um campo reflexivo de tomada de consciência sobre sua existência, sentidos e conhecimentos que foram adquiridos ao longo da vida.

Acabei meu estágio. Era hora de voltar, dar minhas aulas, encontrar os estudantes, dialogar com colegas no saguão da universidade. Confesso: senti-me em uma encruzilhada sem saber por onde andar. E agora, o que irei fazer, afinal, continuei preso, minha memória foi assolada novamente por indagações.



Ressalto: era hora de voltar, o mês era julho de 2020, a pandemia estava a todo vapor, o vírus dizimava milhares, colegas de profissão tombavam, alunos faleciam. Medo, temor, incertezas. Tive que reassumir meu posto de docente na universidade, vi em minha “frente”, via plataforma digital - três turmas, aproximadamente 120 estudantes. Confesso, tremi nas bases, perguntei-me: o que vou fazer agora? Novamente confesso: temi de novo, não dominava as plataformas digitais, como YouTube, Zoom, Google Meet, Google Classroom. A universidade na qual sou concursado não tem um site acessível para pessoas com deficiência visual. Nossos leitores de tela ainda não são compatíveis com todas as plataformas disponíveis para ministrar uma aula de forma on-line.

Os resultados novamente me fizeram perceber que estava ladeado de reflexões: e agora, sozinho em casa, como saber abrir o microfone e a webcam do computador, posicionar-me frente a um notebook sem ter passado por um curso de formação. Novamente! Mais indagações: como “controlar” a presença desses estudantes em uma sala de aula virtual se não tenho um controle de seus acessos? Como arrancar desses sujeitos participações nas minhas aulas da disciplina Políticas Educacionais, se grande parte deles mantêm microfone e câmera desligados? Pior, como avaliar se esses estudantes estão se apropriando do conhecimento científico, do saber elaborado, das experiências trocadas reciprocamente? Dúvidas, muitas dúvidas.

Ao considerar as limitações para ministrar minhas aulas, tenho vivenciado acontecimentos, diria, inusitados. Por meio da minha (auto)biografia, relato experiências que jamais pensei vivenciar nesses dois últimos anos. Apoio-me em Queiroz (1991, p. 19) para dizer que narração é “o relato do narrador sobre a sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu”. Quero dizer que as experiências que venho adquirindo nesses tempos que ora vivemos não são as que eu desejei, seja na minha vida pessoal, seja ainda na minha trajetória profissional.

Penso ser necessário assinalar neste relato que já ministrei aulas no ensino fundamental, médio e no ensino superior, orientando na pós-graduação, procurando expor as experiências que marcam minha trajetória. Assim, as histórias vividas, percebidas e contadas ganham novos significados que no contar dessas histórias se reafirmam, modificam-se e criam novas histórias (Clandinin; Connelly, 2015).

Em tempos pós-pandêmicos, talvez seja um tanto quanto temerário apontar como irão ficar as atividades docentes nas universidades, envolvendo a tríade ensino, pesquisa e extensão. O quadro político atual que ora se desenha poderá nos levar para a



manutenção do distanciamento social. Claro que não será mais pela pandemia, mas para justificar a redução de gastos com a educação, já há muito tempo carcomida pelos discursos neoliberais expressados pelos gestores públicos frente às causas sociais, dentre elas, a educação.

Os resultados revelados neste relato nos fizeram pensar que não é possível afirmar como ficará o mundo pós-Covid-19: a educação básica, o ensino superior, considerando que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) estão “tomando conta das instituições”, dentre elas, a educação. É óbvio também que serão intensos os debates pelas inovações educacionais mediadas pelas plataformas digitais.

A pandemia trouxe resultados avassaladores para a rede básica de educação, entre os estudantes das escolas públicas. Evasão, repetência, fracasso no Exame Nacional do Ensino Médio, apontam o que foi para esses sujeitos a concorrência desleal em relação aos alunos da rede privada. Isso provoca em minha memória desesperança, uma vez que os hiatos sociais em relação aos alunos das escolas públicas, comparados aos das escolas particulares são intensos; agora, mais ainda com a defasagem provocada pela ausência das tecnologias, rede de internet, equipamentos nas escolas, aquisição desses produtos tecnológicos pelos estudantes mais carentes.

Nesse relato expressei minha ansiedade: lutar pela manutenção das minhas energias. Desse modo, apoio-me em Moita (1995, p. 113), ao expressar que na “(auto)biografia, cada pessoa mobiliza seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, para ir dando forma a sua identidade, no diálogo com os seus contextos”. Daí, urge a necessidade de falar de nós, sobre nós, enquanto sujeito desse processo no qual a humanidade encontra-se inserida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS – NOTAS INCONCLUSIVAS

Nossas considerações não são finais nem ao menos conclusivas. Ao refletir sobre a questão que permeou essa investigação, as indagações continuam sem respostas: qual será o futuro da humanidade diante do fenômeno que assolou o planeta em 2020 mundo afora? Desse modo, sou levado a dizer que estamos vulneráveis frente a acontecimentos dessa natureza.

Neste relato propomo-nos a alcançar dois objetivos, a saber: relatar minha tristeza, angústia, ansiedade, insegurança e temor; e demonstrar medo, tensão e incertezas frente a um vírus que pôs a humanidade em desespero. Quero dizer que hoje esse temor ainda existe, considerando que as ameaças que são anunciadas estão conseguindo nos deixar



em alerta frente ao que passamos nos últimos anos, obviamente sem ter certeza do que virá.

O presente relato não acaba aqui. Não há uma conclusão para fazer. Diria, há, sim, indagações a expressar: por que a humanidade está tão vulnerável frente a diversas situações? Por que estamos tão desprotegidos das ações adversas ao nosso cotidiano? Quais caminhos iremos trilhar quando formos levados a nos manifestar?

Não sou pessimista em relação às transformações por meio da educação. Acredito que na e por meio dela é possível conquistar a cidadania, construir nossas identidades, garantir nossa emancipação política. Desse modo, apoio-me em Amado (1995), ao pontuar que a memória serve para nos situarmos no passado e no futuro dessa forma expressa:

A memória torna as experiências inteligíveis, conferindo-lhes significados. Ao trazer o passado até o presente, recria o passado, ao mesmo tempo em que projeta o futuro; graças a essa capacidade da memória de transitar livremente entre os diversos tempos, é que o passado se torna verdadeiramente passado, e o futuro, futuro (Amado, 1995, p. 132).

As percepções da autora supracitada nos fazem refletir sobre as lembranças presentes na nossa memória, expressa nas narrativas que fazemos quando lembramos do passado, vivemos o presente e até projetamos o futuro. Um futuro inserto, porém, necessário ser programado, considerando que nossas vidas, histórias, lembranças, memórias precisam ser vividas, obviamente compor nosso cotidiano.

Não sabemos ainda quais os efeitos danosos em relação à educação que o mundo pós pandemia vai passar. Me parece injusto ou incerto afirmar como ficarão as escolas após a sonhada eliminação desse vírus. E nós nas universidades, como iremos proceder frente aos projetos de ensino, pesquisa e extensão? Penso que não há respostas imediatas para essa tríplice indagação. Talvez tenhamos que recorrer ao mundo subjetivo das narrativas escritas por Benjamin (1994), quando nos alerta que:

O narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como os sábios, pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida. Uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia (Benjamin, 1994, p. 221).

Nesse contexto preciso pontuar que os registros gravados em minha memória vão servir para que vidas, relatos, histórias e depoimentos precisem ser contados, narrados, experienciados. Essa premissa é partilhada por Catroga (2001), ao acentuar que:

A memória é, mais que um mero registro, objetiva-se em uma narrativa coerente que, em retrospectiva, domestica o aleatório, o casual, os efeitos



perversos do real passado quando este foi presente, atuando como se, no caminho, não existissem buracos negros deixados pelo esquecimento (Catroga, 2001, p. 46).

Daí decorre a necessidade de estar sempre atento à nossa (auto)biografia, narrar nossas histórias, revitalizar nossas memórias, necessárias ao nosso bem-estar social.

Embora utilizando da memória para narrar e/ou relatar minhas experiências adquiridas no e durante a pandemia de Covid-19, senti que podia me apoiar na (auto)biografia, uma vez que falei de mim, das dificuldades que vivenciei, dos caminhos que trilhei; enfim, das lutas que travei para estar aqui, fazer-me presente nesse relato. Desse modo, penso que as narrativas (auto)biográficas são os caminhos que escolhi para partilhar esse momento que, se por um lado foi ladeado de medo, tenção, insegurança; por outro serviu para me fortalecer, voltar à cena, adentrar os lugares, viver novamente nos espaços-tempos. Espaços-tempos estes que, para mim, são momentos formativos, uma vez que convivemos com “os outros, os estranhos, os diferentes” (Goffman, 1988, p. 13).

Não sei, me parece cedo, muito cedo, para concluir, expressar minha opinião, ter alguma certeza. Em minha memória soaram muitas questões: como seremos no pós-pandemia? Como será o mundo após a sonhada eliminação desse fenômeno chamado coronavírus? E as escolas, universidades, enquanto espaços-tempos formativos, como vão ser? Diríamos: não há respostas. Há, sim, muitas indagações.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Janaína. **O Grande Mentiroso**: tradição, veracidade e imaginação em História oral. História. São Paulo, n.14, 1995.
- ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar Textos em História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BOBBIO, Norberto. **O Tempo da Memória**. De senectude e outros escritos autobiográficos. 9º ed. Rio de Janeiro: Campus; 1997.
- BOLÍVAR, Antônio. (Dir.). **Profissão professor**: o itinerário profissional e a construção da escola. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- BUENO, Belmira de Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.28, n.1, p. 11-30, jan./jun. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v28n1/11653.pdf>. Acesso em: Jul. 2022.
- CALVINO, Ítalo. A palavra escrita e não escrita. In: FERREIRA, Marieta de Moraes;



AMADO, Janaina (org.). **Usos e Abusos da História oral**. 8º ed. FGV editora. Rio de Janeiro, 2019, p. 145-166.

CATROGA, Fernando. Memória e História. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). **Fronteiras do Milênio**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2001.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa**: experiências e história na pesquisa qualitativa. Trad. Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL-UFU. Uberlândia: EDUFU, 2015.

COSTA, Vanderlei Balbino da; BATISTA, Claudenilson Pereira; TAVARES, Euler Rui Barbosa. Narrativas de sujeitos com deficiência e isolamento social em tempos de pandemia. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 15, n. esp. 3, p. 2471-2489, nov., 2020. E-ISSN: 1982-5587. DOI: Disponível em: <https://doi.org/10.21723/riaee.v15iesp3.14452> GOFFMAN **Estigma Notas 1988**. Acesso em: set. 2023.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4º ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988. Disponível em: <http://www.aberta.senad.gov.br/medias/original/201702/20170214-114707-001.pdf>. Acesso em: jan. de 2020.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MOITA, Maria da Conceição. Percursos de Formação e de TransFormação. In: NÓVOA, Antônio. **Vida de Professores**. Porto Alegre: Porto Editora, 1995.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: Ed. T A Queiroz, 1991.

SOARES, Antonina Mendes Feitosa; SOBRINHO, José Augusto de Carvalho Mendes. **Autobiografia e formação docente**: caminhos e perspectivas para prática reflexiva. 2013 In: Wordpress.com Disponível em: https://alfabetizarvirtualtextos.files.wordpress.com/2011/08/autobiografia-e-formac3a7c3a3o-docente_caminhos-e-perspectivas-para-prc3a1tica-reflexiva.pdf. Acesso em: jul. 2023.

SOUZA, Eliseu Clementino de. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. In: NASCIMENTO, Antônio Dias; HETKOWSKI, Tânia Maria (Orgs.). **Memória e formação de professores**. Salvador: EDUFBA, 2007.

SOUZA, Eliseu Clementino de. **Pesquisa narrativa e escrita (auto) biográfica**: interfaces metodológicas e formativas. Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

SOUZA, Eliseu Clementino de; CORDEIRO, Verbena Maria Rocha. Histórias a contrapelo: escritas de si, (auto)biografia e formação de leitores. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16, 2007, Campinas. **Anais**. São Paulo: ALB, 2007, p. 1-10. Disponível em: http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem07pdf/sm07ss07_04.pdf. Acesso em: set. 2023.

SUÁREZ, Daniel. O. L; DÁVILA, Paula. La documentación narrativa de experiencias pedagógicas. Hacia la reconstrucción de la memoria y el saber profesional de los docentes. Nodos y Nudos. **Revista de la red de cualificación de educadores**, Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional, volume 2, nº 17. 2004, p. 16-31. Disponível em: Documentación narrativa de experiencias pedagógicas. (pedagogica.edu.co). Acesso em: set. 2023.



THOMPSON, Alistair; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. 8ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2019, p. 65-93.

World Health Organization. Coronavirus disease (COVID-19) outbreak [Internet]. Geneva: World Health Organization; 2020 [cited 2020 Mar 3]. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>. Acesso em: set. 2023.

Artigo recebido em: 24 de outubro de 2023.

Aceito para publicação em: 22 de fevereiro de 2024.

Manuscript received on: October 24, 2023

Accepted for publication on: February 22, 2024

Endereço para contato: Universidade Federal do Amazonas, Faculdade de Educação/FACED, Programa de Pós-Graduação em Educação, Campus Universitário, Manaus, CEP: 69067-005, Manaus/AM, Brasil

